

Maria Izabel Machado
(Organizadora)

SOCIOLOGIA:

Tempo, indivíduo e sociedade 2



Maria Izabel Machado
(Organizadora)

SOCIOLOGIA:

Tempo, indivíduo e sociedade 2



Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa



Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Prof^ª Dr^ª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof^ª Dr^ª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Prof^ª Dr^ª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Prof^ª Dr^ª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná
Prof^ª Dr^ª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^ª Dr^ª Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
Prof^ª Dr^ª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^ª Dr^ª Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Prof^ª Dr^ª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Prof^ª Dr^ª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^ª Dr^ª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^ª Dr^ª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^ª Dr^ª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



Sociologia: tempo, indivíduo e sociedade 2

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Yaidy Paola Martinez
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizadora: Maria Izabel Machado

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S678 Sociologia: tempo, indivíduo e sociedade 2 / Organizadora Maria Izabel Machado. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0108-7

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.087223005>

1. Sociologia. I. Machado, Maria Izabel (Organizadora).

II. Título.

CDD 301

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br



Atena
Editora
Ano 2022

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



APRESENTAÇÃO

A obra *Sociologia: Tempo, Indivíduo e Sociedade II* neste segundo volume nos convida a refletir sobre sociologias múltiplas: dos desastres, da educação, sobre o ambiente e como nos relacionamos com ele.








Os lugares múltiplos que ocupamos como sujeitos são cada vez mais pressionados pelo consumo e suas implicações com nossas identidades e pertencimentos. Em contraposição somos demandados a assumir responsabilidades éticas frente aos desastres multifacetados que nos assolam.



Os capítulos que seguem estão organizados de maneira a nos conduzir por essas que são ao mesmo tempo grandes questões sociológicas e a vida cotidiana como experimentada por múltiplos sujeitos. O binômio indivíduo/sociedade, que tem polarizado leituras clássicas e contemporâneas, é colocado aqui em outra perspectiva: o modo como somos intersectados pelas redes.

Boa leitura.

Maria Izabel Machado

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
ETNODESENVOLVIMENTO E IDENTIDADE PATAXÓ: DA ALDEIA PARA O MUNDO Simone Jörg  https://doi.org/10.22533/at.ed.0872230051	
CAPÍTULO 2	7
POLÍTICA DE INCLUSÃO SOCIAL E PRODUTIVA DOS MAIS POBRES NO BRASIL: UM CASO DE <i>WORKFARE STATE</i> ? Adriane Vieira Ferrarini  https://doi.org/10.22533/at.ed.0872230052	
CAPÍTULO 3	18
DESCOMPOSIÇÃO GLOBAL SOCIAL, MIGRACIÓN PERENNE Gumersindo Vera Hernández Elsa González Paredes  https://doi.org/10.22533/at.ed.0872230053	
CAPÍTULO 4	26
MIGRAÇÃO E PERTENCIMENTO: ESTRATÉGIAS MIGRANTES NA CONSTRUÇÃO DO SENTIDO DE PERTENÇA Antonio Nolberto de Oliveira Xavier  https://doi.org/10.22533/at.ed.0872230054	
CAPÍTULO 5	44
ENQUADRAMENTOS SOCIOAMBIENTAIS EM DISPUTA NA CONSTRUÇÃO DO IMAGINÁRIO SOCIAL DE GRANDES DESASTRES DA MINERAÇÃO Raquel Lucena Paiva  https://doi.org/10.22533/at.ed.0872230055	
CAPÍTULO 6	61
SOCIEDADE DE CONSUMO E A POLÍTICA NACIONAL DE RESÍDUOS SÓLIDOS: CONVERGÊNCIAS E DIVERGÊNCIAS Ana Cristina Bagatini Marotti Juliano Costa Gonçalves Cristine Diniz Santiago Erica Pugliesi Luiza de Lima Neves Aline Chitero Bueno  https://doi.org/10.22533/at.ed.0872230056	
CAPÍTULO 7	75
SOCIOLOGIA DA EDUCAÇÃO Adelcio Machado dos Santos  https://doi.org/10.22533/at.ed.0872230057	

CAPÍTULO 8	87
A FORÇA COMUNICACIONAL DO YOUTUBE E O FENÔMENO DE WHINDERSSON NUNES	
Leonardo Gonçalves de Souza	
Diego Rafael Munhak	
Cristiano de Souza	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.0872230058	
CAPÍTULO 9	92
FOME E MODERNIDADE: DESAFIOS PARA OS PROGRAMAS E POLÍTICAS DE SEGURANÇA ALIMENTAR	
Tania Elias Magno da Silva	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.0872230059	
SOBRE A ORGANIZADORA	104
ÍNDICE REMISSIVO	105

MIGRAÇÃO E PERTENCIMENTO: ESTRATÉGIAS MIGRANTES NA CONSTRUÇÃO DO SENTIDO DE PERTENÇA

Data de aceite: 02/05/2022

Data de submissão: 07/03/2022

Antonio Nolberto de Oliveira Xavier

Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC) -
Departamento de Letras e Artes (DLA)
Ilhéus/BA
<http://lattes.cnpq.br/8425300991810079>

RESUMO: O texto apresenta os dados recolhidos na pesquisa realizada para a elaboração da tese de doutoramento intitulada “EM CASA, FORA DE CASA: estratégias comunicacionais na construção do sentido de pertença”, defendida no Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUCSP. No artigo são apresentadas as características e a realidade próprias dos entrevistados, bem como as respostas referentes ao objeto específico deste estudo, qual seja, as estratégias comunicacionais empregadas pelos informantes. Conceitos como identidade (ORTIZ, 2003), tradição (BHABHA, 1998) e modernidade (HALL, 1999) associam-se às ideias de convergência (JENKINS, 2009), mestiçagem (PINHEIRO, 2009), cultura das bordas (FERREIRA, 2010) e sentido de pertença (SANDOVAL-GARCÍA, 2008) para formar a sustentação teórica que conduz à análise dos dados, em diálogo com as teorias. Como *corpus*, definimos trabalhar com quatro grupos de imigrantes: gaúchos e nordestinos que vivem em São Paulo e brasileiros e nicaraguenses que

vivem na Costa Rica. Esta escolha se mostra relevante por tratar de uma realidade crescente de grupos de sujeitos que se deslocam de seus locais de origem para viver e trabalhar em grandes centros pluriculturais. Entendemos estes movimentos migratórios como integrantes do processo de construção das “encruzilhadas abertas da América Latina” e que, precisamente por isso, fazem-se necessários novos aportes para uma análise sociológica adequada à nova realidade.

PALAVRAS-CHAVE: Migrantes; Mídias Digitais; Estratégias; Pertença.

MIGRATION AND BELONGING: MIGRANT STRATEGIES IN THE CONSTRUCTION OF A SENSE OF BELONGING

ABSTRACT: The text presents the data collected in the research carried out for the elaboration of the doctoral thesis entitled “EM CASA, FORA DE CASA: communicational strategies in the construction of the sense of belonging”, defended in the Postgraduate Studies Program in Communication and Semiotics of the Pontifical University Catholic Church of São Paulo – PUCSP. The article presents the characteristics and the reality of the interviewees, as well as the answers referring to the specific object of this study, that is, the communication strategies employed by the informants. Concepts such as identity (ORTIZ, 2003), tradition (BHABHA, 1998) and modernity (HALL, 1999) are associated with the ideas of convergence (JENKINS, 2009), miscegenation (PINHEIRO, 2009), border culture (FERREIRA, 2010) and a sense of belonging (SANDOVAL-GARCÍA, 2008) to form the theoretical support

that leads to data analysis, in dialogue with theories. As a corpus, we defined working with four groups of immigrants: gauchos and northeasterners living in São Paulo and Brazilians and Nicaraguans living in Costa Rica. This choice is relevant because it deals with a growing reality of groups of subjects who move from their places of origin to live and work in large multicultural centers. We understand these migratory movements as part of the process of building the “open crossroads of Latin America” and that, precisely for this reason, new contributions are necessary for a sociological analysis adequate to the new reality.

KEYWORDS: Migrants; Digital Media; Strategies; belonging.

1 | INTRODUÇÃO

Este estudo se caracteriza como uma pesquisa aplicada, descritiva, com abordagem quantitativa e qualitativa, utilizando o método indutivo e o estudo comparativo entre os grupos, a partir da realização de entrevistas e aplicação de questionários, baseados na metodologia de amostragem. O objeto de nossa pesquisa são os usos que os sujeitos, inseridos em espaços pluriculturais – distanciados temporal e espacialmente de sua cultura de origem – fazem dos meios de comunicação e de seus avanços tecnológicos para construir o sentido de pertença a um novo grupo ou espaço social. Nas citações diretas ou indiretas das respostas dadas, utilizamos as iniciais, seguidas da idade, entre parênteses (AX, 53), a fim de preservar a identidade dos colaboradores.

2 | OS SUJEITOS NO CONTEXTO DA PESQUISA

Os quatro grupos de migrantes definidos para o estudo, nesta pesquisa, estão inseridos em contextos bastante diversos, sob variados aspectos. Com relação ao percentual de indivíduos nos espaços físicos, temos a seguinte situação: a região metropolitana de São Paulo possui uma população de cerca de 20 milhões de habitantes em uma área aproximada de 8 mil Km², com uma média de 2.500 habitantes por Km². Desta população, os dados oficiais indicam a presença, segundo o Censo de 2010, de 2 milhões de nordestinos (10%) e 290 mil gaúchos, (1,45%), em sua maioria, residentes na capital.

A Costa Rica possui uma população aproximada de 4,8 milhões de habitantes em uma área de 51 mil Km², ou seja, uma densidade de 90 habitantes por Km². No país existem, segundo os dados oficiais do Censo de 2012, cerca de 500 mil nicaraguenses (embora as estimativas apontem mais de 900 mil) e, de acordo com informações da Embaixada, 780 brasileiros (extraoficialmente, são considerados 1200). Na província de San José, onde se desenvolveu esta pesquisa, existe cerca de 1,7 milhão de habitantes, dos quais 30 mil (1,7%) são nicaraguenses, sendo que, destes, 12 mil vivem no bairro de La Carpio; do total de brasileiros, que vivem na Costa Rica, cerca de 600 (76%) vivem na Província de San José, distribuídos entre as cidades de San José, Santa Ana e Escazú.

O total de indivíduos com os quais realizamos, efetivamente, entrevistas e questionários foi de 103 – se considerarmos as conversas informais, este número chega a

mais de 150 – distribuídos entre 24 gaúchos (23,3%), 27 nordestinos (26,3%), 26 brasileiros (25,2%) e 26 nicaraguenses (25,2%). No momento em que as respostas começavam a apresentar repetição, sem agregar novos elementos para a análise, decidimos encerrar a coleta, embora mantivéssemos o contato informal para a sondagem de possíveis novos informantes.

Entre os gaúchos com os quais tivemos contato, decidimos considerar apenas os nascidos no Rio Grande do Sul e buscamos o contato entre os frequentadores dos CTGs, moradores do município de Embu das Artes e proprietários de estabelecimentos comerciais (churrascarias, mercados, restaurantes). A pesquisa abordou também três grupos diferentes de nordestinos: os frequentadores do CTN, moradores do bairro São Miguel Paulista e funcionários do comércio ou condomínios na região central da capital. O grupo dos brasileiros foi mais restrito, tendo sido abordado em duas frentes: professores do Centro de Estudos Brasileiros e pessoas indicadas por estes que atuam em empresas ou estão estudando na Costa Rica. O grupo de nicaraguenses foi o mais diversificado, e pudemos contatar funcionários do CEB, moradores do bairro La Carpio, pessoas que costumam frequentar a Praça La Merced, aos domingos e algumas pessoas que foram abordadas em seus locais de trabalho, como restaurantes, padarias e bancas no mercado central.

Com relação ao gênero, os pesquisados estão divididos entre 60,5% de indivíduos do sexo masculino e 39,5% do feminino, sendo que o grupo de brasileiros difere dos demais, sendo a maioria (53,8%) de mulheres enquanto os outros grupos apresentam entre 61,5% e 75% de homens. Esta diferença notada entre os brasileiros pode ser explicada pelo motivo da migração: 38,5% dos entrevistados afirmaram ter mudado para acompanhar a família/cônjuge, percentual igual ao motivo “trabalho” e atrás apenas da opção “estudos” que representa 46,2%. Temos que considerar que esta questão permitia elencar mais de um motivo para a mudança.

Ao serem questionados sobre quanto tempo estão vivendo fora de seus locais de origem, também apareceram divergências significativas entre os grupos de indivíduos. Os brasileiros residentes na Costa Rica indicam um tempo entre 6 meses e 20 anos, com destaque para os que migraram em dois períodos: há menos de 1 ano e entre 3 e 5 anos (23,1%). Isso demonstra que o movimento tem uma constância e que, nos últimos anos, tem aumentado o número de migrantes para o país. Entre os nicaraguenses, o período registrado foi de 3 a 20 anos, com um percentual de 53,9% que residem no país por um período entre 15 e 20 anos.

Dos gaúchos e nordestinos que vivem na região metropolitana de São Paulo, contatados nesta pesquisa, todos informaram que migraram há pelo menos 5 anos. Entre os nordestinos podemos perceber um movimento mais constante, dentro desse período, com destaque para os que já residem na capital há mais de 30 anos (33,4%); já os gaúchos apresentam três períodos bem determinados: entre 5 e 10 anos, 12,5%; entre 20 e 30 anos,

37,5% e há mais de 30 anos, 50%. Estes dados corroboram as informações do Censo de 2010, que apontam a diminuição das migrações inter-regionais nos últimos anos, sobretudo da região Nordeste para São Paulo. Um estudo anterior do então Senador Pedro Simon, já indicava também o retrocesso nas emigrações dos gaúchos e o movimento de retorno para o Rio Grande do Sul (SIMON, 2009).

Quando perguntados sobre os motivos da saída de seus lugares de origem para viver em outro país ou estado, o fator trabalho foi o destaque entre os gaúchos (62,5%), os nicaraguenses (53,8%) e os nordestinos (44,4%). Entre os brasileiros, o percentual ficou em 38,5% e o principal motivo indicado foi a busca por estudo (46,2%), seguido pela oportunidade de viajar/conhecer outro país com 23,0%. Os nicaraguenses indicaram o estudo e a oportunidade de jogar beisebol como um motivo importante (15,4%) para migrarem para a Costa Rica e, entre os nordestinos, o fato de acompanhar a família/cônjuge corresponde ao mesmo percentual da busca por trabalho (44,4%).

Quanto às atividades desenvolvidas, os brasileiros investigados apresentam a seguinte situação: 15,4% não trabalham (único grupo investigado que apresenta indivíduos que não trabalham); 53,8% estudam e 84,6% dos que trabalham desenvolvem suas atividades profissionais em órgão público ou instituição. Dos nicaraguenses, 7,7% estudam; 46,2% atuam em órgão público ou instituição; 38,8% atuam em empresa privada; 46,2% trabalham em serviços gerais, sem profissão definida, e 23,0% não têm registro como trabalhador. 25% dos gaúchos atuam em órgãos públicos e 25% em empresas privadas; 50% são profissionais liberais e 37% têm empresa/negócio próprio. Entre os nordestinos, 55,6% trabalham em empresa privada; 22,2% são profissionais liberais e 33,3% têm empresa/negócio próprio.

Antes de entrarmos na apreciação dos dados com relação ao uso das mídias e suas tecnologias, queremos trazer os principais aspectos – positivos e negativos – mencionados pelos sujeitos investigados, quando de sua chegada aos locais de imigração e mesmo ainda hoje.

Para os brasileiros imigrantes na Costa Rica, as principais dificuldades encontradas foram as diferenças culturais e o não conhecimento da língua (46,2%) e, em segundo lugar, a falta de amigos ou a dificuldade em fazer novos (15,4%); entre os nicaraguenses, 30,7% declararam não ter encontrado dificuldades e 38,5% apontaram os altos preços dos aluguéis como um fator negativo na chegada. Isto está diretamente relacionado ao fato de que a maioria dos brasileiros (69,2%) não possuía familiares ou amigos vivendo na Costa Rica, enquanto que, dos nicaraguenses, este mesmo percentual (69,2%) veio para morar com a família ou em casa de amigos. Mas 15,4% destes últimos citaram o preconceito pela nacionalidade e as diferenças culturais como pontos negativos.

Teve muito preconceito, até mesmo no ônibus ou na fila do mercado, quando alguém percebia, pelo sotaque, que eu era da Nicarágua. Por parte do governo, às vezes fazem a gente gastar muito dinheiro com viagens para a

Nicarágua, a fim de conseguir alguns papéis ou documentos, mas isso não garante que vão liberar a “cédula” necessária para a regulamentação da situação no país. (JM, 30).

E, ainda

Os costarricenses não querem que os nicaraguenses venham para cá. Quando cheguei, comia no quarto, sem contato com o restante da família. Quando tinha visitas na casa, eu tinha que ir para o quarto para não aparecer. Não comia a mesma comida que a família. Isso aconteceu na primeira casa em que trabalhei. (MTM, 39).

Os gaúchos destacaram as diferenças culturais e a saudade da família como os principais aspectos negativos (37,5%), além da falta dos amigos (12,5%). “O que eu mais senti de dificuldade foi a distância, porque não dava para viajar para casa quando quisesse, e o fato de ficar longe dos pais e das festas gaúchas que eu estava acostumada. Mais tarde, comecei a participar do CTG” (NBN, 57). Já 44,4% dos nordestinos afirmaram não ter sentido dificuldades, mas entre os que identificaram pontos negativos, preconceito com sua origem foi o mais citado (22,2%). O alto índice de não percepção de dificuldades pode estar relacionado ao fato de que 66,7% dos nordestinos que participaram da pesquisa já chegaram a São Paulo com emprego certo e vinham para morar com parentes ou amigos. Mesmo assim, alguns comentaram que por várias vezes ouviram piadas ou brincadeiras dos colegas de trabalho sobre as roupas que usavam ou com relação ao sotaque.

Para todos os grupos, a possibilidade de um melhor emprego e o fácil acesso ao trabalho foram os principais fatores positivos encontrados em sua nova realidade. Brasileiros e gaúchos destacam também a oportunidade para aprofundar estudos, sobretudo em nível de pós-graduação (38,5% e 44,4%, respectivamente); os nicaraguenses citam a acolhida pelos conterrâneos e parentes (30,8%) e os nordestinos reconhecem como muito positivo o apoio dos familiares que já estavam em São Paulo (33,3%).

O acolhimento por parte de parentes ou amigos, assim como a inserção no mercado de trabalho, representam estratégias importantes na construção do sentido de pertença, para aquelas pessoas que se encontram afastadas de seus referenciais geográficos, familiares, culturais.

3 | AS MÍDIAS MAIS UTILIZADAS

Em artigo que aborda a relação entre mídia, identidade cultural e cidadania, Denise Cogo afirma que,

[...] mais do que meros dispositivos técnicos, mídias como a televisão, o rádio ou a Internet passam a atuar como instâncias que atribuem visibilidade às ações de outros campos sociais e instituições e propõem e asseguram modos próprios de existência e estruturação de realidades pertinentes a esses campos. (COGO, 2016, p. 2).

Além das mídias citadas, os dispositivos portáteis – sobretudo os telefones celulares e os *smartphones*, com seus inúmeros aplicativos – configuram-se, cada vez mais, em “extensões do homem” (lembrando McLuhan). O uso constante e crescente dessas mídias faz com que deixem de ser meros dispositivos transportadores de sentidos acrescidos de mensagens para se tornarem ferramentas produtoras e organizadoras de sentido. Esta realidade tem gerado inúmeras discussões entre pesquisadores que defendem a ideia de que as novas tecnologias aproximam as pessoas e os que as consideram um “perigo” às relações interpessoais. O *Facebook*, o *WhatsApp* ou o *Twitter* podem ser tão danosos à aproximação das pessoas quanto já foi considerado o telefone, também uma rede social em mídia terciária (BAITELLO JÚNIOR, 2013).

[...] o efeito “sedação” das redes sociais ou seu efeito “máscara”, de identidades anônimas e ficcionais, pode se reverter e gerar grandes ondas de mobilizações presenciais, com sensorialidades reais, passíveis de reais ferimentos e prisões, como nos tempos dos piores anos de chumbo. A comunicação de distância pode, sim, gerar comunicação de proximidade. (BAITELLO JÚNIOR, 2013, p. 64).

É bem verdade que não existe apenas um lado a ser considerado. Precisamos estar atentos para investigar que tipo de ambiente está sendo gerado a partir do uso dos meios de comunicação oferecidos pelos novos produtos do mercado. Afinal, ao lado da comunicação virtual, de inestimável significado para o progresso dos sujeitos e para “encurtar distâncias”, encontra-se a perversa utilização para o crime de várias expressões, para a dissolução dos costumes, para a promiscuidade, para o comércio de vidas, para a drogadição e todos os resultados trágicos que possam decorrer daí, para a expansão da loucura, para a perda do sentido psicológico existencial.

A imaginação, exacerbada pelo acesso às muitas informações, pode entorpecer as emoções elevadas e contribuir para as alucinadas fugas da realidade, para o prazer desenfreado e o gozo sem limites, em nome do moderno, do oportuno e do “inadiável”.

Entendemos os possíveis perigos que o uso desregrado das tecnologias da comunicação pode trazer para os indivíduos e as convivências sociais; no entanto, queremos dar ênfase, neste estudo, aos fatores positivos desses avanços, sobretudo no que tange às possibilidades de contatos que favoreçam a construção do sentido de pertença entre os sujeitos observados.

A coleta de dados com os informantes, em relação ao uso das mídias, revelou novas aproximações e distanciamentos entre os grupos, em arranjos diferentes dos apresentados acima. Quando perguntados se costumavam acompanhar as notícias de seu país/estado, 100% dos nicaraguenses responderam que sim e o percentual afirmativo também foi alto entre os brasileiros e os gaúchos (92,3% e 87,5%, respectivamente).

Já entre os nordestinos, a maioria (55,6%) respondeu que não tem o hábito de acompanhar as notícias de sua região. Dos 44,4% que afirmaram acompanhar as notícias

de sua região, metade o faz através de *sites* ou jornal *online* e outros 22,2% no contato direto com os familiares. TV, rádio e jornal impresso não são veículos utilizados por este grupo para obter informações sobre seus locais de origem. Esses dados confirmam, de certa maneira, o que já havíamos percebido em outro momento: a maioria dos nordestinos já possui uma vida estabilizada e não tem a intenção imediata de voltar para sua terra natal. Daí o baixo interesse pela situação política ou econômica em que sua terra natal se encontra.

Ao citarmos a Rádio Atual, do CTN, e quando perguntamos se conheciam ou acompanhavam a programação da rádio, a maioria afirmou desconhecer a existência, inclusive os que costumam frequentar as atividades do Centro de Tradições Nordestinas. “A música do Nordeste está em todas as rádios e nos programas de TV, nas novelas. Não é preciso procurar uma rádio especial para ouvir os artistas da Bahia, as bandas de forró” (AVM, 29).

Do baião de Luiz Gonzaga ao reggae da Tribo de Jah, vários são os artistas e bandas que marcam presença no cenário nacional, inclusive marcando movimentos que determinaram a história da música brasileira, como o tropicalismo de Caetano, Gil e Tom Zé, o Axé *Music* de Luiz Caldas e Olodum e o *Manguebeat* que misturou *rock*, *hip hop*, maracatu e música eletrônica com destacados nomes como Chico Science, Nação Zumbi e Lenine. A estratégia, nesse sentido, não é resultado de uma articulação dos migrantes, mas a própria mídia contribui com recursos para que a distância geográfica seja “compensada” pela proximidade a manifestações culturais com alguns elementos de identidade.

Esta situação é bem diferente, com relação à música gaúcha, principalmente a chamada música regional e música nativista, dos festivais. Poucos são os artistas e os ritmos que se destacam em nível nacional. Os mais conhecidos, como a banda Engenheiros do Hawaii, os irmãos Kleiton & Kledir e Vítor Ramil, Adriana Calcanhoto, fazem uma música mais ao estilo *Rock* ou MPB. Alguns nomes do regionalismo gaúcho (Gaúcho da Fronteira, Berenice Azambuja, Os Serranos) chegaram a obter destaque na mídia televisiva nacional, mas suas músicas não estão inseridas no circuito das grandes emissoras de rádio, sobretudo das FMs. Isto explica a procura pelo veículo rádio, através da Internet, registrada entre os gaúchos que participaram desta pesquisa.

Metade dos gaúchos entrevistados tem o hábito de ouvir rádio (Web Rádio) para acompanhar os noticiários e ouvir músicas regionais através deste meio, mas também é alta a busca de informações através de *sites* e jornais *online* (37,5%), pela TV (25%) e no contato com familiares (12,5%).

Todos os dias, no escritório, a primeira coisa, antes de iniciar o trabalho, é entrar na página da rádio Quero-Quero pela Internet. Enquanto reviso a documentação jurídica e o andamento de processos do dia anterior, tomo o meu chimarrão e escuto as músicas do Rio Grande. Esse já é um hábito há mais de 10 anos. (PASL, 45).

Entre os brasileiros, 38,5% afirmaram ter o hábito de acompanhar os noticiários através da TV e 76,9% costumam acessar *sites* e jornais *online*. A distância e a saudade são atenuadas pelo contato diário com informações sobre o Brasil, além das conversas – quase que diárias – com os familiares.

Os nicaraguenses são o grupo que mais se utiliza das diversas mídias e do contato com os familiares e amigos para obter informações sobre seu país/cidade: 69,2% acessam *sites* e jornais *online*; 53,8% acompanham os telejornais; 30,8% têm o hábito de ouvir rádio ou procurar informações através do jornal impresso e 15,4% buscam se informar através do contato com os familiares. Quase todos os entrevistados confirmaram conhecer e já ter acompanhado a programação da rádio Manágua, de San José, mas a maioria disse não ser o veículo de sua preferência. Com relação ao rádio, a motivação maior são as músicas ou os programas esportivos.

O interesse pela política, economia e situação social de seu país é explicado por dois motivos: a preocupação com os familiares que estão na Nicarágua e a busca por mudanças que possibilitem voltar a viver próximo da família, mas com condições dignas de trabalho e sustento.

Tanto na internet quanto no jornal escrito ou na rádio, procuro saber sobre a situação do país, saber das possibilidades de emprego e como está o andamento do projeto do canal¹. Assim que iniciarem as obras do canal, eu espero 1 ano e retorno, porque acho que os primeiros empregos atraem muita gente marginal; então prefiro esperar uma etapa mais avançada, para conseguir uma atividade melhor. Tenho vontade de retornar para Manágua, pois outros três irmãos, meu pai e minha mãe estão lá. Só não retornei ainda por conta de dificuldade de emprego e dos baixos salários. (JM, 30).

O destaque dado acima à utilização das mídias tradicionais (Rádio, TV, Jornal Impresso) não significa que desconsideramos em nossa pesquisa as mídias sociais, as convergências e mesmo o fato de estas mídias estarem se adaptando e integrando aos formatos digitais. Pelo contrário, serve para demonstrar que, diferentemente do que preconizam alguns autores, os avanços tecnológicos não fazem desaparecer as formas tradicionais, mas possibilitam um maior entrosamento e facilidade de acesso aos usuários, inclusive incentivando, a partir das mídias digitais, a busca de aprofundamento sobre determinada informação nas mídias tradicionais.

Na sequência, apresentamos os dados coletados em nosso estudo, referentes aos principais suportes e aplicativos de mídia utilizados pelos sujeitos investigados, destacando a participação que os usos representam na construção do sentido de pertença para estes sujeitos.

Como já era previsto, em função da alta disseminação, do baixo custo e dos constantes avanços tecnológicos que sofrem, ampliando o alcance, as facilidades de

¹ O Canal da Nicarágua, segundo o projeto anunciado em julho de 2014, terá 278 quilômetros desde o Mar do Caribe, cruzando boa parte do Rio San Juan, até chegar ao gigantesco Lago Cocibolca, o segundo maior da América Latina, e depois à costa oeste, no Pacífico.

acesso e as possibilidades de envio de dados em linguagens e sistemas variados, os telefones celulares foram citados por 100% dos investigados como meios através dos quais mantêm contato as pessoas em seus lugares de origem. Mas o uso para falar diretamente com familiares e amigos apareceu em totalidade apenas entre os nicaraguenses que vivem na Costa Rica. A explicação, até certo ponto óbvia, está no custo das ligações.

Convém lembrar que as operadoras de telefonia móvel na Costa Rica – e em quase toda a região do Caribe – cobram preços de ligação local para chamadas efetuadas entre os países da América Central e Panamá (assim são anunciadas as promoções, uma vez que o Panamá é considerado território norte-americano). Os brasileiros que vivem na Costa Rica fazem chamadas para parentes em casos muito específicos (15,4%).

Eu ligo para a família apenas quando necessito fazer o encaminhamento de algum negócio específico, ou para orientar quanto ao pagamento de contas que precisam ser realizadas de forma presencial. Também para falar com minha mãe, pois ela não usa o computador (MLS, 56).

Assim como na Costa Rica, no Brasil também temos vários planos promocionais que permitem a utilização entre telefones da mesma operadora, ou chamada de telefones celulares para telefones fixos, a preço de chamadas locais, o que se expressa no fato de que 75% dos gaúchos e 66,8% dos nordestinos que vivem em São Paulo falam com a família que está em outro estado. A sensação de proximidade que a voz traz é apontada como o principal motivo da preferência por usar esta forma de comunicação. Mesmo mediada pelo “aparelho”, esta comunicação está muito mais próxima daquilo que Zumthor denomina *performance*:

Termo antropológico e não histórico, relativo, por um lado, às condições de expressão, e da percepção, por outro, *performance* designa um ato de comunicação como tal; refere-se a um momento tomado como presente. A palavra significa a presença concreta de participantes implicados nesse ato de maneira *imediate*. [...] Ela atualiza virtualidades mais ou menos numerosas, sentidas com maior ou menor clareza. [...] A performance é então um momento da recepção: momento privilegiado, em que um enunciado é realmente recebido. (ZUMTHOR, 2000, p. 59).

A proximidade, proporcionada pelo contato através da voz, acaba por configurar-se como uma das estratégias utilizadas para construir um ambiente onde, através da memória auditiva, certos traços de identidade são reforçados, permitindo aos sujeitos incluírem elementos de familiaridade (no sentido daquilo que já é conhecido, do já vivido) à composição do seu novo espaço de pertença.

Dos aplicativos disponibilizados para os aparelhos móveis – *Smartphones* – o contato via *WhasApp* aparece entre os informantes como o mais utilizado (84,6% entre os brasileiros; 92,3% entre os nicaraguenses; 62,5% entre os gaúchos e 77,8% entre os nordestinos). O uso desse aplicativo, de acordo com os dados da pesquisa, está muito mais ligado ao contato com os amigos, sobretudo os que vivem mais próximos, com a intenção

de enviar mensagens rápidas e curtas, principalmente para chamara à participação em atividades de grupo (ensaios, festas, programação esportiva etc.). Esta prática é apontada como um “aviso” para que o receptor procure maiores informações em outros meios, geralmente nas páginas da Internet ou em mensagens mais detalhadas enviadas através de e-mails.

A facilidade de enviar e receber mensagens pelo *WhatsApp*, individualmente ou nos grupos, agiliza a informação. Muitas vezes o convite para ir a um show ou avisar sobre uma notícia que está passando na TV ou circulando pela Internet é mais fácil e rápido pelo *whats*. Quando a pessoa se interessa, vai atrás para buscar os detalhes, às vezes até na conversa pelo próprio *whats*. (JCD, 34).

Este contato rápido e constante, principalmente através dos grupos, também reforça a sensação de acolhimento. O fato mesmo de pertencer a um grupo no *WhatsApp* já expressa o sentido de pertença, de alguma referência, uma vez que os grupo são formados a partir de determinados elementos comuns.

Embora os aparelhos mais modernos, com tecnologias mais avançadas, não sejam os mais baratos, grande parte dos migrantes contatados – mesmo os que não tenham uma situação econômica mais estável – esforça-se para ter um telefone celular com mais recursos. A grande vantagem é a mobilidade e, uma vez que contratar serviços de Internet ainda é dispendioso, um *Smartphone* permite que dados sejam acessados e enviados a partir das zonas de Wi-Fi, sejam as existentes em locais públicos, sejam as que podem ser acessadas em algumas instituições, lojas, restaurantes ou dos locais de trabalho mesmo.

Eu trabalho o dia inteiro e não consigo ir ao banco para fazer transferência de dinheiro para os meus filhos. Tenho dois filhos, de 17 e 21 anos, que estão estudando em Manágua e dependem do dinheiro que eu mando. Eu preferi investir em um aparelho melhor que me possibilitasse transferir pela Internet, porque aí eu não preciso sair para ir ao banco, e aqui eu tenho acesso à rede. (MTM, 39).

Juntamente com o *WhatsApp*, o *Facebook* (84,6%) e o *Email* (53,9%) foram os meios indicados pelos brasileiros como os de maior uso para contato com familiares e amigos, tanto os que vivem no Brasil quanto os que fazem parte do seu círculo de relacionamento, na Costa Rica.

O uso elevado e diário de todos esses meios e suportes é justificado, pelos entrevistados, em função da necessidade de se manterem em contato; como uma forma de “driblar” o afastamento físico decorrente dos diversos fatores e motivos já mencionados acima.

Mas, associado à sua situação de migrantes, de “*desplazados*”, o excesso de informação e a velocidade com que as “matérias de expressão” caem em desuso e são substituídas por outras leva os sujeitos a uma saturação de sentido e a uma crise de subjetividade.

[...] as pessoas, seja qual for o lugar onde se encontrem, se sentem inteiramente *estrangeiras*, inclusive e principalmente *em seu próprio país*. **Estrangeiras não só no espaço, mas também no tempo**: perderam as coordenadas de ritmo, coordenadas variáveis e próprias de cada movimento de seu desejo. (ROLNIK, 2014, p. 95. [grifos da autora]).

Diante da possibilidade de serem afetados por um sentimento de desterritorialização, o foco de nossa pesquisa está voltado a identificar e explorar as estratégias utilizadas pelos sujeitos na construção ou reconstrução desse território, no sentido de legitimar este investimento como busca de identidade, através da construção do sentido de pertença.

4 | OUTRAS ESTRATÉGIAS

Ao tratarmos de estratégias comunicacionais, não reduzimos nossa perspectiva ao uso dos meios de comunicação – sejam as mídias convencionais, sejam as mídias digitais ou convergentes – mas estendemos o termo “comunicação” a outras linguagens (da arte, da gastronomia, dos esportes, dos espaços públicos ou privados). Sobretudo quando se referem à construção do sentido de pertença, a “sentirem-se parte de”, várias outras práticas comunicativas nos foram indicadas como caminhos trilhados pelos sujeitos.

As práticas artísticas, expressas pela música, a dança, as artes visuais, entre outras, sempre se constituíram em espaços de acolhimento e inclusão, permitindo a convivência das diferenças e um resultado que expressa a soma de individualidades compartilhadas. Não foi diferente a percepção que tivemos no contato com nossos entrevistados. Esta estratégia é facilmente identificada nas ações desenvolvidas pelo SIFAIS (Sistema Integrado de Formação Artística para A Inclusão Social), presente no Bairro La Carpio, em San José. A instituição é uma iniciativa privada, sem fins lucrativos, que promove “a superação pessoal e a integração social, através do ensino-aprendizagem de uma habilidade artística, um esporte ou uma técnica” e está presente em comunidades carentes e tidas como “marginais”.



AULA DE VIOLÃO, AO AR LIVRE



MURO EXTERNO DA “CUEVA DE LUZ”

Fonte: Fotos produzidas pelo autor para este artigo.

Em atuação desde 2011, no local denominado “*cueva del sapo*” (caverna do sapo) e hoje chamado de *Cueva de Luz* (caverna de luz), esta instituição tem proporcionado, além do aprendizado de um instrumento, a quebra de preconceitos e, mais que isso, encaminhado jovens e adolescentes, imigrantes ou filhos de imigrantes nicaraguenses que vivem em La Carpio, a uma situação de inclusão no mercado de trabalho.

A participação nas Invernadas Artísticas dos CTGs, nas suas diversas modalidades, também foi apontada pelos gaúchos que vivem em São Paulo como uma prática que contribuiu para o entrosamento e para dissipar um pouco a saudade de casa e a falta dos amigos.

Quando eu saí do Rio Grande para vir fazer meu curso de engenharia aqui em São Paulo, a primeira coisa que fiz foi perguntar para o meu tio – que já havia morado aqui por um tempo – se tinha CTG e se ele podia me indicar um para eu continuar dançando. Logo depois que me organizei com o local para morar e consegui entender melhor o trânsito e como aproveitar as linhas de metrô e ônibus fui procurar o Meu Pago. A minha primeira “turma” aqui foi o pessoal da invernada. Hoje tenho vários amigos da faculdade e do trabalho. Não estou mais dançando no grupo, mas sempre mantenho contato e participo das promoções. Essa vivência aqui me ajudou a “segurar as pontas” de estar longe de casa. (JCD, 34).

Utilizamos o conceito de memória como a captação das identificações coletivas, acionadas no âmbito das vivências e das lembranças do passado. Por mais que as lembranças pareçam ser consequência de uma ação individual, somente existem como parte de estruturas sociais, ou seja, sempre precisamos da memória dos outros para recordar as nossas. Assim, as lembranças individuais são produtos de uma articulação com as lembranças do grupo do qual o sujeito participa.

Halbwachs em seus estudos demonstra que as lembranças individuais situam-se nos *quadros sociais* das experiências coletivas, realçando que as lembranças individuais permanecem como dados coletivos, à medida que “um homem, para evocar seu próprio passado, tem frequentemente necessidade de fazer apelo às lembranças dos outros. Ele se reporta aos pontos de referência que existem fora dele, e que são fixados pela sociedade” (HALBWACHS, 1990, p. 26).

Os nordestinos que costumam frequentar o CTN afirmam que, além da comida típica, que pode ser encontrada em outros lugares em São Paulo, o ambiente e a junção da música ao vivo, com as apresentações das bandas regionais, com a possibilidade de dançar o forró e o xote é o que mais os atrai, principalmente quando recebem a visita de parentes. “A intenção é mostrar para eles [os parentes] que aqui também se pode sentir um gostinho de Nordeste” (GL, 52).

Com relação ao esporte, enquanto espaço de pertença, algumas situações, registradas nas conversas com os migrantes, revelam a grande influência desta estratégia de comunicação no processo de acolhimento, nos grupos em que estes se encontram inseridos. Já salientamos, anteriormente, a dificuldade inicial sofrida pelos nicaraguenses

residentes na Costa Rica, pelo fato de serem adeptos do beisebol, um esporte com pouca evidência no país. Mas o fato de atletas da Nicarágua integrarem equipes costarricenses de beisebol contribuindo para a conquista de campeonatos regionais e internacionais fez com que ganhassem respeito e se abrisse um espaço para a vinda de outros jogadores; inclusive para a formação de uma equipe composta somente por “nicas” – Pinoleros.

Outros relatos dão conta de que, a partir do momento em que assumiram ser torcedores de determinado time de futebol da Costa Rica – Saprissa, Alajuelense e Herediano são as principais – os nicaraguenses migrantes passaram a fazer parte de grupos organizados que, ao menos durante os jogos, desconsideravam a questão da nacionalidade para ver na camisa ou na bandeira o fator de identidade.

No meu primeiro trabalho, tive muita dificuldade para me entrosar com os companheiros, tanto com os da Costa Rica quanto com os outros estrangeiros. Somente depois de começar a frequentar os jogos de futebol é que passei a ser chamado para as conversas, nos momentos de intervalo do trabalho. Depois de quase um ano, quando o Saprissa foi jogar a final em outra província, é que eu fui convidado para assistir ao jogo em um bar, onde os colegas costumavam se reunir aos sábados. (RF, 41).

As ações dos sujeitos nem sempre são conscientes, intencionais, mas revelam-se eficazes no processo de aceitação. Situação semelhante à dos nicaraguenses foi descrita por alguns nordestinos. De modo geral, é bem comum encontrarem-se entre os moradores de cidades do Nordeste brasileiro, torcedores de times de São Paulo e Rio de Janeiro. Flamengo, Corinthians, Vasco e São Paulo são as quatro maiores torcidas da região, com destaque para torcedores do Flamengo (22,4%), segundo pesquisa realizada em 2013 (cf. <<http://top10mais.org/top-10-maiores-torcidas-da-regiao-nordeste-do-brasil/>>). Em São Paulo, poucos são os migrantes nordestinos que confirmam torcer apenas para o time de seu estado. Quase todos torcem por um time paulista, e admitem sentirem-se parte das torcidas organizadas; consideram esta “adesão” um dos fatores que os identifica.

Entre os gaúchos, porém, isso não acontece. Colorados ou gremistas não abrem mão de sua tradição e, frequentemente, ocorrem “embates” entre as duas torcidas, mesmo em atividades dos CTGs. Mas as disputas transcorrem de forma pacífica. Inclusive há dois redutos em São Paulo, o bar Dona Nina, localizado na Vila Madalena, dos gremistas, e o Quintal do Espeto, em Moema, dos colorados, que costumam reunir os mais aficionados em dias de jogos de uma das equipes contra times paulistas ou em decisões dos campeonatos como o Gauchão, o Brasileirão e a Copa do Brasil, em que uma das equipes gaúchas esteja participando.

Mas nem todas as experiências ligadas ao esporte, enquanto espaço no qual é favorecida a construção do sentido de pertença, foram citadas como positivas. Um dos entrevistados destacou como dificuldade encontrada ao chegar a São Paulo, vindo da Bahia, “o ciúme dos colegas da própria capoeira”, atribuído, segundo ele, a uma disputa por espaço e prestígio.

Embora a capoeira seja hoje uma arte marcial difundida no mundo todo, com mestres e grandes nomes em diversos estados do Brasil, e mesmo fora, ainda existe um pensamento de que fazer aula com um professor da Bahia é melhor. Esta é uma ideia errada. Eu mesmo vim da Bahia atrás do meu mestre que é de São Paulo. Mas, para alguns professores de capoeira, só o fato de ser baiano já faz com que os alunos deem preferência; e isso gera alguma insegurança. [...] Mas isso aconteceu só no início. (AVM, 29).

No exposto acima, percebemos a existência de outra linguagem utilizada como estratégia na construção do sentido de pertença: os espaços públicos ou privados. Como já indicado no capítulo 2 desta tese, o acesso a determinados espaços de convivência possibilita aos sujeitos agregarem elementos identitários, seja na sua autodefinição, seja na identificação por parte dos outros sujeitos.

O sujeito se situa no espaço e estabelece aí suas relações interpessoais, conferindo-lhe significações ligadas às funções que ele desempenha e aos sentimentos de pertença e familiaridade que traz consigo; ao mesmo tempo, este sujeito é também identificado e significado por ele. O acesso a determinados espaços é definido pelo valor conferido ao sujeito, na medida em que representa mais que a superfície física sobre a qual vivemos, trabalhamos e, circulamos. (SANTOS, 2007).

A estratégia de utilização dos espaços como referência a um reconhecimento aparece também na fala de nordestinos residentes no Bairro de São Miguel Paulista, em São Paulo, ao citarem as mudanças ocorridas na Praça do Forró que, embora mantenha o nome na lembrança, após as modificações sofridas, descaracterizou o espaço de encontro dos moradores locais, os quais ali se reuniam nos finais de semana para ouvir a música dos trios nordestinos que se revezavam no coreto. O mercado de São Miguel Paulista – e os produtos que podem ser encontrados nele – também é descrito como “um pedacinho do nordeste na capital”. Os cheiros, os sabores, as músicas, os artigos de couro, a farinha são alguns dos elementos trazidos como desencadeadores de lembranças que fazem com que a saudade e a distância sejam atenuadas, mesmo que de apenas momentaneamente.

Para os nicaraguenses, a estratégia do uso do espaço está fortemente representada nos encontros dominicais que acontecem na Praça La Merced, como já indicamos acima, e no conjunto dos elementos (comidas, bebidas, o modo de falar, o sotaque, as notícias) que podem ser vivenciados e compartilhados nesse espaço. Manifestações desse tipo são mencionadas por Carlos Sandoval-García, utilizando um termo de Raymond Williams, como estruturas do sentir, definidas como “experiencias sociales en proceso de configuración, que aún no emergen como versiones públicas, pero están en proceso de constitución” (SANDOVAL-GARCÍA, 2008, p. 40). Por estruturas do sentir devemos entender algumas práticas culturais que estão em processo de ativa formação no curso da vida social.

Na praça também são comemoradas festas religiosas típicas da Nicarágua, como a *Fiesta de Nuestra Señora de Las Mercedes* que, por influência dos espanhóis, é considerada a padroeira em diversas cidades da América Latina, sobretudo na Argentina. Na Nicarágua,

existem quatro municípios e cidades que têm a santa por padroeira: Santiago de los Caballeros de León, San Pedro de Matagalpa, El Jicaral e Mateare. A principal igreja é a de León, construída em 1528, junto ao convento de mesmo nome, e reconstruída no século XVIII, a qual é considerada, depois da catedral, o “templo barroco mais importante, ainda conservado no país”.

As estratégias relatadas neste capítulo, em sua maioria, referem-se às ações dos próprios sujeitos, na busca de referências e balizas que lhes permitam entender sua condição de “ser-no-mundo” – não vamos aprofundar, aqui, as concepções heideggerianas sobre este conceito, desenvolvidas em sua obra *Ser e Tempo*, mas o tomamos como um correlato à expressão “sentido de pertença”. Entretanto, pudemos observar, também, articulações de outros sujeitos, que não os envolvidos na condição de migrantes em processo de adaptação a uma nova realidade (cultural, geográfica, social, linguística etc.), voltadas a contribuir, de alguma forma, com esse processo.

Uma dessas ações – já descrita neste texto – foi a iniciativa de criação da Rádio Atual e, posteriormente, a fundação do Centro de Tradições Nordestinas (CTN). Estes dois empreendimentos não nasceram como resultado de propostas reiteradas pelos migrantes nordestinos que vivem em São Paulo. Não obstante o aspecto comercial de ambos, estes empreendimentos configuram-se como a concretização de espaços (midiático e físico), idealizados por um paulistano que, percebeu a realidade dos nordestinos em São Paulo e pensou em formas de contribuir para que a cultura nordestina estivesse um pouco mais acessível ao grande contingente de migrantes. Exemplos como esse, embora não tenham partido da ação de grupos sociais organizados, atuam no sentido da construção daquilo que Denise Cogo (2005) identifica como cidadania cultural.

Mas nossa pesquisa encontrou, ainda, estratégias desenvolvidas por agentes externos aos grupos investigados que contribuem para a conquista da cidadania política/jurídica, entendendo que a cidadania não se restringe à delegação ao Estado da tarefa de promover a justiça social, concepção eivada nas ideias de assistencialismo e paternalismo, mas compreende uma postura ativa dos cidadãos, uma vez que são eles que possuem as condições para promover a transformação de sua realidade (BITTAR, 2004).

Na Costa Rica é grande a disparidade entre os dados oficiais e as estimativas sobre migrantes nicaraguenses que vivem no país. Parte desta disparidade se dá pelo fato de que muitos migrantes não têm sua documentação regularizada e, por isso, não constam nos registros do seguro social. Percebendo que a falta de documentos e orientação quanto aos procedimentos adequados para consegui-los agravava a situação dos migrantes, um grupo de voluntários, de diversas nacionalidades, criou a “Asociación Ticos y Nicas: Somos Hermanos” que orienta e auxilia os migrantes nicaraguenses na obtenção de documentos e oferece cursos de formação profissional, para que eles possam se inserir no mercado de trabalho, com registro e ganhos equiparados aos demais. Além disso, a associação promove ações assistenciais, como a coleta de alimentos, roupas, produtos infantis, que

são distribuídos a comunidades carentes, onde reside um grande número de nicaraguenses, como em La Carpio.



ATIVIDADE REALIZADA POR VOLUNTÁRIOS DA ASSOCIAÇÃO EM LA CARPIO

Fonte: http://www.ticosynicas.org/?action=galeria_fotos_proyecto&idp=23

A conquista da cidadania político-jurídica, citada no exemplo acima, é uma das principais estratégias utilizadas para que esses sujeitos estabeleçam referências e desenvolvam elementos de identificação, no novo espaço político, social, econômico e cultural em que se encontram.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As práticas descritas neste artigo, como ações empreendidas pelos sujeitos (ou para os sujeitos) investigados com o propósito de construção de um sentido de pertença, refletem o alcance de nossa observação sobre o objeto da pesquisa e as escolhas realizadas em função desse objeto. Acreditamos que várias outras estratégias estão entremeadas nesse processo e em constante reelaboração, na busca da consciência de pertencimento.

Os grupos estudados, apesar de consideradas suas diferenças e especificidades, apresentaram algumas características comuns, além do fato de serem migrantes e comungarem certas dinâmicas – consciente ou inconscientemente – em suas interações na comunidade:

* Os sujeitos, em geral, optam por sair de seus locais de origem em busca de

uma melhor condição de vida, que pode ser expressa pela conquista de um trabalho, de melhores salários, de formação acadêmica ou de qualidade de vida; * A alternância entre memória e esquecimento atua como mais uma estratégia na conquista de uma consciência subjetiva, assim como a compreensão e absorção de elementos culturais do novo espaço em que vivem; * Apesar da consciência de que o mau uso dos meios de comunicação e suas tecnologias pode afastar os sujeitos, intervindo na qualidade das relações interpessoais, no que se refere à sua situação de migrantes e “*desplazados*”, vêm como positivas as ferramentas que as mídias lhes proporcionam para que se mantenham em contato com familiares e amigos; * As estratégias comunicacionais desenvolvidas fora do contexto das mídias – convencionais ou digitais –, especialmente os espaços físicos, a arte, a gastronomia, o esporte, configuram-se importantes meios para a aproximação entre os sujeitos.

REFERÊNCIAS

BAITELLO JÚNIOR, Norval. Os sentidos e as redes: considerações sobre a comunicação presencial na era telemática. In: BARBOSA, Marialva; MORAIS, Osvando J. de (orgs.). **Comunicação em tempo de redes sociais**: afetos, emoções, subjetividades. São Paulo: INTERCOM, 2013. (p. 59-65).

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Trad. Myriam Ávila; Eliana Lourenço de Lima Reis; Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

BITTAR, Eduardo Carlos Bianca. **Ética, educação, cidadania e direitos humanos**. Editora Manole: Barueri-SP, 2004.

COGO, Denise. Mídias, identidades culturais e cidadania: sobre cenários e políticas de visibilidade midiática dos movimentos sociais. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/>>. Acesso em: 04 abr 2016.

FERREIRA, Jerusa Pires. **Cultura das bordas**: edição, comunicação, leitura. Cotia: Ateliê Editorial, 2010.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 3. ed. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Loureiro. Rio de Janeiro: DP&A, 1999. (Coleção identidade cultural na pós-modernidade).

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. 2. ed., ampliada e atualizada. Trad. Susana Alexandria. São Paulo: Aleph, 2009.

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

PINHEIRO, Amálio (org.) **O meio é a mestiçagem**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2009.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. 2. ed. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2014.

SANDOVAL-GARCÍA, Carlos. **Otros amenazantes: los nicaraguenses y La formación de identidades nacionales en Costa Rica.** 1. ed. 3. reimp. San José/C.R.: Editorial UCR, 2008.

SANTOS, Milton. **O espaço do cidadão.** 7. ed. São Paulo: EDUSP, 2007.

SIMON, Pedro. **A diáspora do povo gaúcho.** Brasília: Senado Federal, 2009.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura.** Trad. Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: EDUC, 2000.

ÍNDICE REMISSIVO

B

Bolsa Família 7, 8, 11, 13, 14

C

Cibercultura 87, 90

Consumo 61, 62, 73

D

Descartáveis 61

Desenvolvimento 3, 4, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 16, 44, 46, 52, 53, 55, 58, 63, 69, 72, 75, 78, 80, 82, 85, 96, 97, 99

Direitos humanos 42, 104

Direito social 7, 10

E

Etnodesenvolvimento 1, 4, 6

F

Fatos sociais 75, 77, 78, 83, 86

G

Gestão de resíduos 62, 63, 69, 70, 71

I

Identidade 1, 3, 6, 26, 27, 30, 32, 34, 36, 38, 42, 53, 66

Inclusão social 7, 11, 12, 13, 14, 36

Indígenas 1, 2, 3, 4, 5, 6, 55, 56

Infância 53

Internet 22, 30, 32, 33, 35, 87, 88, 90

M

Mídias digitais 26, 33, 36

Migrações 29

Mineração 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 60

Mobilidade 14, 35, 77, 92

Modernidade 9, 26, 42, 69, 92, 93, 96, 98, 100, 101, 102

Movimentos sociais 42, 44, 45, 46, 47, 48, 51, 53, 74

O

Obsolescência programada 65

P

Pataxó 1, 2, 3, 5, 6, 56

Pertença 26, 27, 30, 31, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41

Política nacional de resíduos 61, 62, 63, 66, 67, 68, 69, 70, 73

Políticas sociais 9, 10, 15, 16

S

Sociologia 44, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 92, 102, 103, 104

Sociologia ambiental 44

Sociologia da educação 75, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86

Sociologia dos desastres 44

T

Trabalho 5, 7, 9, 10, 11, 12, 13, 28, 29, 30, 32, 33, 35, 37, 38, 40, 42, 46, 61, 63, 64, 72, 73, 89, 92, 104

Tradição 9, 26, 38

W

Whindersson 87, 89, 90

X


Xenofobia 18, 22


Y


Youtube 59, 87, 90


SOCIOLOGIA:

Tempo, indivíduo e sociedade 2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 


[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 


www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

SOCIOLOGIA:

Tempo, indivíduo e sociedade 2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 